



Diálogos

ISSN 2177-2940



Imigrantes italianos e redes sociais no interior paulista: a trajetória de Pietro Aimola no município de Franca (São Paulo, 1896-1930)¹

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v28i2.75345>

José Victor Maritan Gonçalves

 <https://orcid.org/0000-0001-9954-0733>

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas-SP, BR

E-mail: josevictor_mg@hotmail.com

Italian immigrants and social networks in the countryside of São Paulo: the trajectory of Pietro Aimola in the municipality of Franca (São Paulo, 1896-1930)

Abstract: This article is the result of an investigation about the process of insertion of the Italian Pietro Aimola (1861-1930) in the municipality of Franca, in a time frame that covers the years 1896 to 1930, from his immigration until his death. The objective is to highlight the mechanisms of insertion and social mobility of Italian immigrants in the interior of the State of São Paulo at the turn of the 19th to the 20th century. This work argues that the insertion of Italians in the municipality was often linked to the phenomenon of migratory networks that fueled movements of relatives and friends between both sides of the Atlantic.

Key words: Italian immigration; migratory networks; compadrio system; marriage market.

Imigrantes italianos y redes sociales en el interior de São Paulo: la trayectoria de Pietro Aimola en el municipio de Franca (São Paulo, 1896-1930)

Resumen: Este artículo es resultado de una investigación sobre el proceso de inserción del italiano Pietro Aimola (1861-1930) en el municipio de Franca, en un marco temporal que abarca los años 1896 a 1930, desde su inmigración hasta su muerte. El objetivo es resaltar los mecanismos de inserción y movilidad social de los inmigrantes italianos en el interior del Estado de São Paulo en el cambio del siglo XIX al XX. Este trabajo sostiene que la inserción de italianos en el municipio estuvo muchas veces ligada al fenómeno de redes migratorias que alimentaron movimientos de familiares y amigos entre ambos lados del Atlántico.

Palabras clave: inmigración italiana; redes migratorias; amiguismo; mercado matrimonial.

Imigrantes italianos e redes sociais no interior paulista: a trajetória de Pietro Aimola no município de Franca (São Paulo, 1896-1930)

Resumo: Este artigo é o resultado de uma investigação sobre o processo de inserção do italiano Pietro Aimola (1861-1930) no município de Franca, em um recorte temporal que abrange os anos de 1896 a 1930, de sua imigração até sua morte. O objetivo é destacar os mecanismos de inserção e mobilidade social de imigrantes italianos no interior do Estado de São Paulo na virada do século XIX ao XX. Este trabalho sustenta que a inserção de italianos no município era frequentemente ligada ao fenômeno das redes migratórias que alimentavam deslocamentos de parentes e amigos entre os dois lados do Atlântico.

Palavras-chave: imigração italiana; redes migratórias; compadrio; mercado matrimonial.

Recebido em: 25/03/2025

Aprovado em: 02/05/2025

¹ Agradecimento à Maria Sílvia Beozzo Bassanezi pela leitura do trabalho e pelas sugestões propostas. Este trabalho contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (proc. 2024/03149-0) e foi parcialmente desenvolvido no âmbito do Projeto Temático “Dinâmicas de incorporação, mobilidade e dominação no Oeste Paulista, 1850-1950”, financiado pela FAPESP (proc. 2023/11937-5).

Neste artigo é desenvolvida uma investigação sobre o processo de inserção do italiano Pietro Aimola (1861-1930) no município de Franca, em um período que abarca os anos de 1896 a 1930, desde o momento de sua imigração até sua morte. Nessa época, o interior do estado de São Paulo recebeu expressivos fluxos de imigrantes italianos e Franca integrava essa rota desde o ano de 1887, após a instalação do ramal da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (GONÇALVES, 2024).

O objetivo deste estudo é alargar os conhecimentos sobre as formas de ingresso e mobilidade social de italianos que se estabeleceram no interior paulista na virada do século XIX ao XX. Trata-se de evidenciar, por meio de um estudo de caso, a natureza das estratégias sociais deflagradas por imigrantes italianos no percurso imigratório e na fixação à sociedade de acolhida. Desse modo, cumpre demonstrar que o percurso de Pietro Aimola no município de Franca pode servir de comparação para outros casos de compatriotas naquele contexto.

Busca-se sustentar três argumentos. O primeiro deles afirma que as redes migratórias foi um fenômeno que alimentou os deslocamentos entre a Itália e o Brasil durante muitas décadas, privilegiando destinos e unindo famílias e laços de solidariedade². Nesse caso, Pietro Aimola fixou residência em tal localidade por meio de informações recebidas por parentes já instalados em uma fazenda da região e, por sua vez, décadas depois, tornou-se também agente promotor da imigração de outros conterrâneos, ao contratá-los para o trabalho em suas terras e requisitar o custeio de suas transferências ao Governo do Estado.

A demonstração desse primeiro argumento permite identificar a construção, por imigrantes italianos, de redes que envolviam centenas de indivíduos no processo de estabelecimento no município de Franca. Nesse contexto, o trânsito epistolar nos dois lados do Atlântico funcionava para obtenção de informações para o deslocamento, garantir moradia e fixação no mercado de trabalho (GONÇALVES, 2024).

O segundo argumento consiste em afirmar que a participação em uma rede migratória foi aspecto decisivo para Pietro Aimola emigrar, desvencilhar do sistema de colonato imposto nos primeiros anos em terras brasileiras, adquirir propriedade e consolidar seus negócios em Franca. Ao mesmo tempo, cumpre demonstrar que o estabelecimento de vínculos por meio do matrimônio e das relações de compadrio, foi um elemento que caracterizou a história dos indivíduos pertencentes ao grupo de compatriotas de Aimola. Ou seja, no contexto da imigração italiana em Franca era comum que famílias de mesma origem privilegiassem contatos entre si no âmbito das escolhas dos cônjuges e padrinhos para seus filhos.

Por último, busca-se demonstrar que um elemento das interações mantidas entre conterrâneos da região dos Abruzos era o estabelecimento de sociedades e vínculos trabalhistas.

² Sobre o tema ver: TRUZZI, 2008.

Mais precisamente, a construção de laços econômicos e familiares com imigrantes de sua terra natal foi de suma importância para consolidar os negócios de Pietro Aimola como proprietário de terras no município de Franca. Nesse âmbito, a reconstituição do percurso desse indivíduo demonstra que imigrantes aplicavam estratégias sociais a fim de estabelecerem-se na sociedade de acolhida.

Há tempos, estudos sobre a integração de imigrantes no interior paulista tem experimentado avanços. As migrações internacionais constituem um dos temas preferidos da identidade e da historiografia paulista³, contudo ainda há muito a se conhecer sobre o deslocamento de grupos estrangeiros no vasto território do interior onde a produção cafeeira se realizava. Pesquisas sobre a absorção de imigrantes de distintas etnias na sociedade paulista são sempre bem-vindas, pois propiciam um entendimento mais consistente sobre os processos de inserção e mobilidade econômica, geográfica e social por meio de contextos e trajetórias diversas.

Almeja-se conhecer melhor o fenômeno imigratório italiano sob o prisma das redes formadas por esse grupo nas duas pontas do percurso migratório. Em grande medida, os estudos que se referem à imigração italiana para o estado de São Paulo são dedicados à compreensão dos fenômenos que estimularam os deslocamentos e dos fatores da unidade social de comunidades étnicas constituídas a partir da segunda metade do século XIX⁴.

Ainda são episódicos os estudos que se atentam ao processo de incorporação de imigrantes europeus nos interiores de São Paulo. As metodologias micro-histórica e onomástica identificam os indivíduos em ambientes distintos e permitem iluminar casos de inserção social exemplares e passíveis de comparação (GINZBURG, 1989; VENDRAME; KARSBURG, 2020). Nesse sentido, o presente trabalho propõe uma análise microanalítica da trajetória de um imigrante italiano e de seu grupo para identificar aspectos comuns aos percursos sociais dos seus compatriotas que se estabeleceram em um município no noroeste do estado de São Paulo.

Ao identificar as relações sociais mantidas por Pietro Aimola com seus conterrâneos durante mais de três décadas no Brasil é possível encontrar uma rede social baseada no acesso à informação e recursos resultante de relações de amizade, parentesco e vizinhança. A ideia de rede tem propiciado uma visão mais abrangente, complexa e rica do fenômeno imigratório, colocando o imigrante como protagonista das próprias escolhas, com papel ativo na articulação e na transferência de familiares e conhecidos (VENDRAME, 2015). Por meio de contatos pretéritos ligavam-se migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas sociedades emissoras e receptoras (MASSEY, 1988), estimulando ou refreando projetos, no interior de um campo social onde cada

3 Sobre o tema ver: TRUZZI, 2016; BASSANEZI et al, 2008; TRUZZI; VOLANTE, 2021.

4 Sobre o tema ver: ALVIM, 1986; VANGELISTA, 1991; FRANZINA, 2006.

pessoa está em contato com outras e cada indivíduo tem certo número de amigos que se conhecem uns aos outros ou não (MENDES, 2012). Nesse sentido, o exercício de reconstituir a rede social do fazendeiro Aimola demonstrou que um dos seus principais contatos era com seu sócio Camilo Di Carlo, cuja trajetória de vida era similar à sua. Nascidos e casados na *comune* de Rocca San Giovanni, constituíram família e imigraram rumo ao município de Franca no final da primavera italiana do ano de 1896. Os Aimola e Di Carlo destoaram dos demais *contadine* que vieram para as lavouras paulistas no período da política de subsídios à imigração, pois passaram a figurar na lista de proprietários agrícolas de Franca ainda no período da Grande Emigração.

Vale destacar que esta investigação foi possível graças a reconstituição das famílias italianas na microrregião de Franca, realizada por meio do cruzamento das informações extraídas nos assentos paroquiais existentes no Arquivo da Cúria Diocesana de Franca, nos registros de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo e nos registros civis da *comune* de Rocca San Giovanni, na província de Chieti⁵.

A compilação dessas informações permitiu conhecer trajetórias individuais e do grupo em que Pietro Aimola estava inserido. Os registros paroquiais permitem identificar com quem esses imigrantes mantinham relações sociais; por exemplo, quem casava-se com quem e quem mantinha relações através do compadrio batismal. As informações coletadas nos registros civis italianos corroboram a ideia de que esses indivíduos já eram conhecidos na sociedade de origem e os dados de entrada no país revelam que as famílias imigrantes estavam envolvidas pelo fenômeno das redes migratórias num período que vai do ano de 1895 até 1922. Em sua maior parte, esses personagens imigraram após adentrarem na vida adulta, casados e com filhos, trazendo na bagagem o sonho de refazerem suas vidas na América a partir da constituição de laços de amizade e solidariedade.

Realiza-se uma análise do fenômeno de absorção social de imigrantes no contexto de entrada maciça de europeus para o trabalho na crescente economia cafeeira nos princípios do período republicano. Nesse quadro, o método de análise de trajetórias permite reconhecer a complexidade das relações sociais e dos espaços em escala reduzida. A atenção ao caso de Pietro Aimola permite reconhecer como se davam as escolhas num quadro de fixação no interior paulista e das relações privilegiadas pelos membros de seu grupo étnico.

Origem e destino de Pietro Aimola: um exercício de micro-história

Pietro Aimola, conhecido como “Pedrucci”⁶, era natural de Rocca San Giovanni, situada a

5 A reconstituição de famílias italianas na microrregião de Franca entre os anos de 1885 e 1945, elaborada durante o projeto de Doutorado *Redes migratórias e dinâmica populacional de italianos em um município paulista: Franca, 1885-1945*, resultou no Banco de Dados *Italianos em Franca*.

42° 15' de latitude Norte e 14° 28' de longitude Leste, na província de Chieti, na região dos Abruzos. Essa *comune* é apontada como a naturalidade de quarenta e cinco nubentes presentes nos registros do Banco de dados *Italianos em Franca* e o local de casamento de vinte casais arrolados nessa localidade no período entre 1895 e 1945.

Os moradores dessa *comune* estavam distribuídos por uma colina rochosa a 155 metros acima do nível do mar e pelos vales, onde predominava o cultivo de oliveiras, vinhas e laranjeiras. Os camponeses que lá viviam eram descendentes dos primeiros aldeões e ainda guardavam resquícios feudais da Alta Idade Média. Historicamente, os movimentos humanos na região dos Abruzos faziam parte de uma rede migratória determinada pela sazonalidade do trabalho em direção à área marsicana, ao campo romano ou ao Maremma (ALVIM, 1986, p. 23). A situação foi agravada pelo fracasso das antigas propriedades feudais, marcado pela falta de horizonte para os camponeses que intensificou o *brigantaggio*⁷, como forma de insurreição camponesa em clara oposição aos grupos dominantes (ALVIM, 1986, p. 27). Nas montanhas e florestas, o ritmo da fome e da pobreza determinava a estrutura básica do ritmo do banditismo, onde bandos de homens violentos e armados, fora do alcance da lei e da autoridade, impunham suas vontades mediante extorsões e roubos (HOBSBAWM, 2010, p. 21, 24).

Após a Unificação Italiana (1871), a expansão da rede de comunicação e a reestruturação urbana aumentou a demanda por mão-de-obra. A mobilidade, que já fazia parte do cotidiano dos *abruzzesi*, tornou-se ainda mais intensa em busca de trabalho e recursos para equilibrar a economia doméstica, primeiramente nas áreas de Vasto e Sulmona. A essa tradicional mobilidade interna, quantitativamente insignificante, somou-se um fenômeno emigratório para fora da Itália, que aumentou exponencialmente ao longo dos anos 1880. A pobreza como explicação *tout court* para a decisão de emigrar não é suficiente, pois deve-se considerar várias causas para entender o abandono da terra natal. Em especial, contribuíram para o fenômeno emigratório o processo de diferenciação econômica e o desenvolvimento da revolução industrial; a crise da pequena propriedade fundiária e das fazendas de montanha; o declínio do artesanato antigo e da manufatura rural; a intensificação das diferenças entre as classes sociais; o serviço militar obrigatório; a pressão demográfica; a propaganda de agentes das companhias de navegação; o incentivo e o espírito de emulação produzido pelo retorno dos emigrantes e pelas cartas de chamada (ADACHER, 2012).

Inicialmente as saídas destinavam-se a outros países da Europa, diminuindo gradualmente

6 Pietro Aimola foi identificado pelo apelido na qualificação como testemunha em um inquérito policial do ano de 1918, que apurava as circunstâncias do defloramento de uma jovem italiana. AHMCHAP. Poder Judiciário. Primeira Vara Criminal. Inquérito policial n. 3045. Franca, caixa 166, maço 46, 1918.

7 *Brigantaggio* é o termo utilizado na Itália para designar os fenômenos de banditismo, ligados ou não a insurreições políticas. Aos olhos do povo, o *brigantaggio* envolvia o desejo de uma vida melhor.

em direção ao novo continente. O forte hábito de transmigração sazonal, e de retorno oportuno anualmente, deu lugar às partidas para a América, especialmente para o Brasil e os Estados Unidos. O custo da viagem também interferiu nos destinos tomados pelos grupos emigrantes e a oferta de subsídios aliviou os trabalhadores que desejavam deixar sua terra e não possuíam economias para cobrir as despesas com o transporte marítimo. Em outros casos, para aqueles que possuíam condições financeiras para cobrir os custos de emigrar, era mais barato cruzar o Atlântico do que adquirir bilhetes de comboios para chegar em alguns locais na própria Europa.

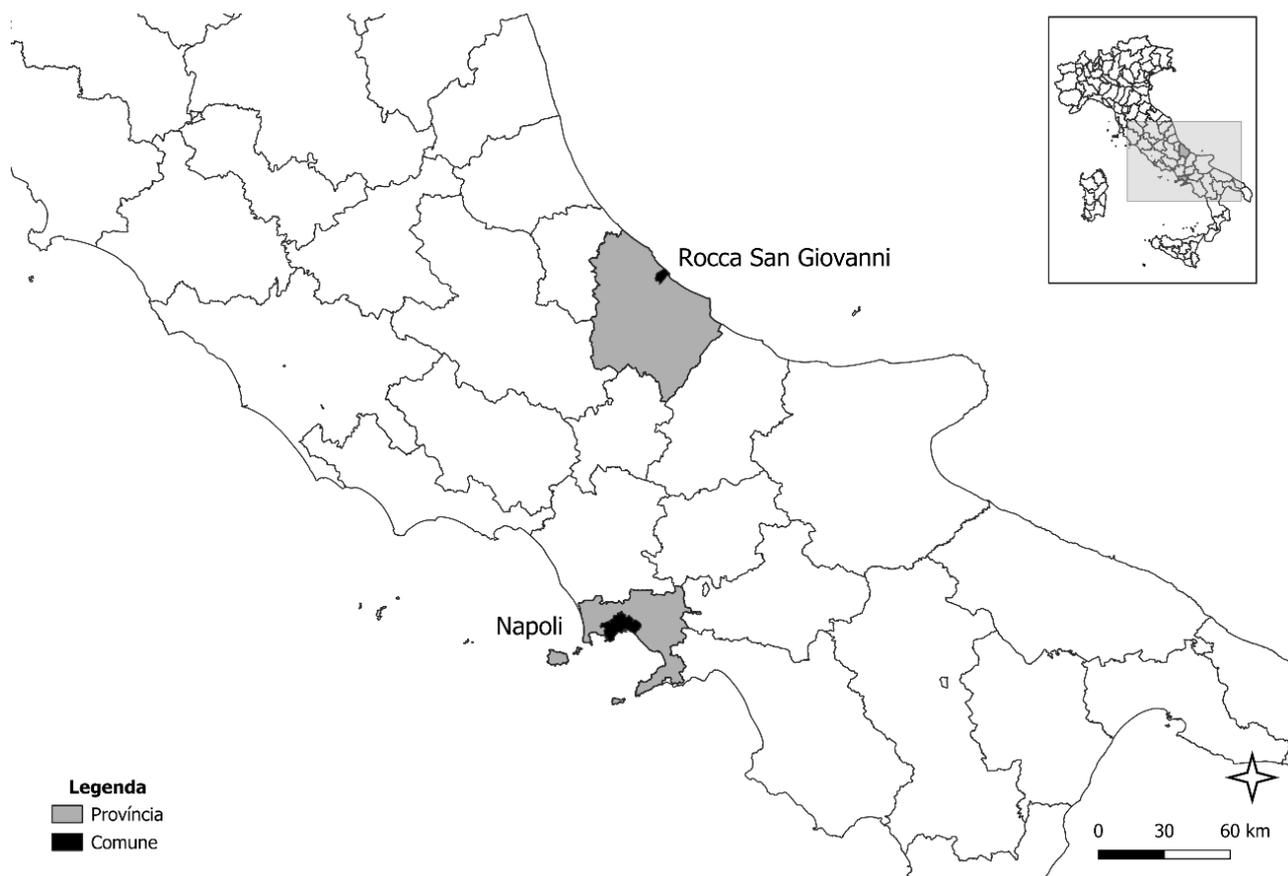
As oportunidades de emigração oferecidas aos *abruzzesi* que se dirigiram para Franca estavam associadas, principalmente, ao incentivo e ao espírito de agregação produzido por aqueles que se estabeleceram primeiro. O *timing* (anterioridade) de chegada revela que aqueles que decidiram deixar a Itália mais tarde tiveram caminhos abertos por aqueles que imigraram pioneiramente e já haviam suportado o custoso processo de incorporação ao trabalho na cafeicultura paulista (TRUZZI, 2008). A historiografia sobre o fenômeno da emigração tem se distanciado das explicações centradas nas condições de miséria das classes populares, ou de natureza demográfica, para dar atenção também a importância das cadeias migratórias nas decisões de emigrar e nas estratégias do grupo familiar. O estabelecimento de uma cadeia determinava fluxos constantes, incluindo retornos, de elementos de qualquer localidade para pequenos ou grandes destinos, autoalimentados por um sistema de troca de informações, por habitantes de um mesmo vilarejo e parentes já estabelecidos em alguma área do país de destino, oferecendo vantagens aos que partiam para se instalarem no exterior, por meio de assistência no plano de moradia, de trabalho e afetivo (TRENTO, 2022, p. 34). Entre as décadas de 1880 e 1920 assistiu-se a uma concentração de muitos grupos originários de diferentes áreas da Itália em determinadas regiões do Brasil (TRENTO, *op cit*; ALVIM, 1986, p. 64).

Como tantas outras famílias imigrantes, os agricultores dos Abruzos que chegaram à região de Franca vieram trabalhar como colonos nas fazendas de café e permaneceram por um longo tempo na cafeicultura, onde criaram seus filhos, mantiveram relações de parentesco, compadrio e amizade, e almejavam adquirir suas próprias propriedades. Para isso, uma série de estratégias envolvia o processo migratório, desde o agrupamento na travessia atlântica; o fortalecimento de redes de amizade; o auxílio na faina do café; e até mesmo o estabelecimento de laços matrimoniais entre os membros do grupo.

A partir de 1895, as terras francanas passaram a receber dezenas de famílias provenientes da pequena aldeia de Rocca San Giovanni, na província de Chieti, às margens do Mar Adriático. Nessa época, a febre imigratória na região dos Abruzos com destino ao Brasil não era tão disseminada quanto no Norte da Itália, mas já esboçava a inversão da tendência de emigrações entre regiões. De

1887 a 1895, as cifras de saída da Itália do Norte compuseram impressionantes 71,8%, ao passo que as regiões ao Sul detinham apenas 21,9% do volume de entradas. Em seguida, do ano de 1896 a 1902, o peso desses grupos se inverteu, tendo o Norte apresentado 30,1% e o Sul 53,1% dos imigrantes entrados no país (TRENTO, 2022, p. 41-2).

Mapa 1 – Localização da comune de Rocca San Giovanni e do porto de Napoli



Fonte: Elaborado pelo autor.

O comportamento ao emigrar e na nova sociedade, entre meridionais e setentrionais, tinha marcas da sociedade de origem (ALVIM, 1986, p. 62). Apesar de a Itália ser um país de território limitado, a Unificação e a implantação do capitalismo nos campos pouco contribuíram para corrigir suas diferenças regionais. Tanto no Norte, onde a industrialização não teve condições de absorver o excedente de mão-de-obra, quanto no Sul, com características feudais e aspectos de servidão, a sobrevivência passava pela emigração.

Na Itália meridional e setentrional, as regiões de montanhas e colinas eram caracterizadas por pequenas e médias propriedades e as planícies compostas por médias e grandes. Contudo quanto ao cultivo, ao invés do trigo, do milho e da vinha, típicos do Norte, nas áreas meridionais preponderavam a tríade oliveiras, amêndoas e fruticultura, com predomínio de cítricos. Durante

séculos, a região meridional da Itália sofreu ataques e invasões de populações estrangeiras, e por isso seus habitantes viviam amontoados em cidadezinhas. Apesar da miséria e das duras condições de vida, os camponeses tinham que fazer, todos os dias, longos percursos a pé para chegarem às plantações, onde as relações de trabalho eram marcadas pela exploração e contratos injustos e aviltantes (ALVIM, 1986, p. 56-7).

Sem nada a perder, num estado de perene miséria, nas regiões em que predominavam resíduos feudais houve uma emigração familiar semelhante à dos *braccianti* do Norte. A propaganda das agências de navegação e o sentimento de agregação aos parentes emigrados foram fundamentais e muito eficazes no processo de transferência desses grupos, garantindo a manutenção dos contatos entre a *comune* de origem e o ambiente de destino (GONÇALVES, 2024). A trajetória desses imigrantes, recuperada até agora, revela que a família de Pietro Aimola logo encontrou trabalho e moradia reservados por parentes e conhecidos já instalados em terras francanas, onde iriam construir um ambiente de novas interações baseadas em suas próprias características regionais.

Pietro Aimola, filho de Domenico Aimola e Maria D'Antonio, nasceu em 14 de maio de 1861⁸ e casou-se em 13 de outubro de 1883, com Filomena Moretti, filha de Donato Moretti e Carmene Caravaggio⁹, nascida em 09 de agosto de 1865¹⁰. Na terra natal, o casal teve seis filhos: Rocco (1884)¹¹; Nicoleta (1886-1886)¹², falecida na infância; Angela (1887)¹³; outra Nicoleta

8 ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di nascita di Pietro Aimola*, n. 27. Registro de nascimento, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile della restaurazione, 1861. Disponível em:

https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua17708851/LNeEJZO. Acesso em: 19 maio 2025.

9 ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di matrimonio di Pietro Aimola e Filomena Moretti*, n. 27. Registro de casamento, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile italiano, 1883. Disponível em:

https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua18215099/5Geq333. Acesso em: 19 maio 2025.

10 ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di nascita di Filomena Moretti*, n. 42. Registro de nascimento, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile della restaurazione, 1865. Disponível em:

https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua17708854/w94YmEr. Acesso em: 19 maio 2025.

11 ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di nascita di Rocco Aimola*, n. 80. Registro de nascimento, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile italiano, 1884. Disponível em:

https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua18217627/57Yykkj. Acesso em: 19 maio 2025.

12 ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di nascita di Nicoleta Aimola*, n. 62. Registro de nascimento, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile italiano, 1886. Disponível em:

https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua18217801/0Am86Z3. Acesso em: 19 maio 2025; ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di morte di Nicoleta Aimola*, n. 29. Registro de óbito, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile italiano, 1886. Disponível em: https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua18216211/wLOPdOR. Acesso em: 19 maio 2025.

13 ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di nascita di Angela Maria Aimola*, n. 92. Registro de nascimento, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile italiano, 1887. Disponível em:

https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua18217876/w19Momk. Acesso em: 19 maio 2025.

(1890)¹⁴; Carmene (1893)¹⁵ e Margherita (1896)¹⁶. Após a imigração, nasceram: Domingos (1898)¹⁷, Rosalina (1903)¹⁸, Antonieta (1906)¹⁹ e Anna (1909)²⁰.

Figura 1 - Pietro Aimola e Filomena Moretti



Fonte: Acervo do Museu Histórico Municipal José Chiachiri.

14 ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di nascita di Nicoleta Aimola, n. 73*. Registro de nascimento, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile italiano, 1890. Disponível em:

https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua18218150/02I7E1d. Acesso em: 19 maio 2025.

15 ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di nascita di Carmine Aimola, n. 44*. Registro de nascimento, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile italiano, 1893. Disponível em:

https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua18218447/LpROvWM. Acesso em: 19 maio 2025.

16 ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di nascita di Margherita Aimola, n. 10*. Registro de nascimento, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile italiano, 1896. Disponível em:

https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua18218697/LmdrZgR. Acesso em: 19 maio 2025.

17 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia de São José (São José da Bela Vista, SP). Registro de batismo, Livro 1, 25 dez. 1898. São José da Bela Vista: Paróquia de São José, 1898.

18 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo nº 403, Livro 20, folha 115, 28 jun. 1903. Franca: Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1903.

19 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo nº 210, Livro 22, folha 20, 28 abr. 1906. Franca: Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1906.

20 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo nº 112, Livro 25, folha 17, 15 jan. 1910. Franca: Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1910.

GONÇALVES, José Victor Maritan. Imigrantes italianos e redes sociais no interior paulista: a trajetória de Pietro Aimola no município de Franca (São Paulo, 1896-1930)

Pietro emigrou para o Brasil com 34 anos de idade, acompanhado da esposa, de seus cinco filhos e de sua irmã Rosina, de 14 anos, partindo do porto de Nápoles, no vapor Itália, graças ao contrato firmado entre o governo paulista e a empresa Angelo Fiorita & Cia, em 07 de março de 1896, que respondia pela maioria dos contratos de arregimentação de italianos do período. Esses emigrantes viajaram gratuitamente, sem nenhum ônus pelas passagens da família. Era 20 de junho daquele ano quando a família aportou no Rio de Janeiro²¹, dois dias depois chegaria em Santos, indo em direção a Hospedaria de Imigrantes de São Paulo²².

Mapa 2 - Estado de São Paulo, destaque para os municípios de Franca, São Paulo e Santos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Agricultores e católicos, eles seguiram o caminho aberto por parentes desde o ano anterior tendo como destino o trabalho como colonos em uma fazenda de Franca. A imigração de Pietro Aimola efetivou uma típica união de família, pois estava envolvida por um sentimento de agregação mantido por novas transferências beneficiadas pelas informações enviadas por aqueles que

21 ARQUIVO NACIONAL. Livro de registro de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de Rio das Flores. 20 jun. 1896. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. Fundo: Departamento Nacional do Povoamento. Série: Hospedarias de Imigrantes, livro 85, p. 194.

22 APESP. Livro de registro de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. 24 jun. 1896. Livro 53, p. 514. São Paulo: Museu da Imigração do Estado de São Paulo, Fundo: Hospedaria de Imigrantes. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/acervo-digital>. Acesso em: 19 maio 2025.

chegaram primeiro e viram oportunidades de trazer amigos e parentes para o *lavoro* no além-mar.

As notícias recebidas e as cartas de chamada encorajavam. Meses antes, a imigração de dois irmãos de Pietro e três irmãos de sua esposa²³ deu indícios de que a febre emigratória estava alterando as famílias de Rocca San Giovanni e estruturando uma rede migratória em direção às lavouras de café francanas.

O final do século XIX transformou as famílias Aimola e Moretti em imigrantes, encorajados pelo pioneirismo de três casais aparentados que cruzaram o Atlântico em junho de 1895: Eusebio Saltarella, de 27 anos, e Giovanna Moretti, de 25 anos²⁴; Innocenzo Di Carlo, de 27 anos, e Maria Moretti, de 21 anos; e Alessandro Pagliaroni, de 28 anos, e Eusebia Moretti²⁵, de 24 anos, que trouxeram os pequenos Rosa, Nicola e Assunta, além do irmão dele, Nicola, de 17 anos²⁶. Os primeiros, casados desde janeiro de 1890²⁷, resolveram investir suas esperanças em uma nova vida na América após a morte de seus dois primeiros filhos²⁸.

Essas trajetórias evidenciam que, por meio do trânsito de informações além-mar, esses italianos obtiveram notícias que alimentaram um sentimento de emulação, estimulando projetos comuns do grupo e da família. Portanto, quando Pietro Aimola chega em Franca já estavam instalados nessa localidade seu concunhado Eusebio Saltarella, as duas primas de sua esposa, Maria e Eusebia²⁹; além de sua irmã Mattia, que emigrara em fevereiro de 1896, com o marido Domenico Aimola e as filhas Adolorata, Concetta, Grazia e Maria³⁰.

23 APESP. Livro de registro de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. 24 jun. 1896. Livro 53, p. 448,461. São Paulo: Museu da Imigração do Estado de São Paulo, Fundo: Hospedaria de Imigrantes. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/acervo-digital>. Acesso em: 19 maio 2025.

24 APESP. Livro de registro de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. 24 jun. 1896. Livro 49, p. 200. São Paulo: Museu da Imigração do Estado de São Paulo, Fundo: Hospedaria de Imigrantes. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/acervo-digital>. Acesso em: 19 maio 2025.

25 Maria e Eusebia eram irmãs e primas de Giovanna.

26 APESP. Livro de registro de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. 24 jun. 1896. Livro 49, p. 197. São Paulo: Museu da Imigração do Estado de São Paulo, Fundo: Hospedaria de Imigrantes. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/acervo-digital>. Acesso em: 19 maio 2025.

27 ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di matrimonio di Eusebio Saltarella e Giovanna Moretti, n. 1*. Registro de casamento, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile italiano, 1890. Disponível em: https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua18215276/LyOMIXq. Acesso em: 19 maio 2025.

28 ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di morte di Angela Saltarella, n. 15*. Registro de óbito, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile italiano, 1892. Disponível em: https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ud18216590. Acesso em: 19 maio 2025.

ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di morte di Carmine Saltarella, n. 10*. Registro de óbito, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile italiano, 1894. Disponível em: https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ud18216707. Acesso em: 19 maio 2025.

29 Dezesseis anos mais tarde, no final de 1911, imigrariam Giambattista Moretti, pai de Maria e Eusebia, e suas irmãs Nice e Angela, casadas e com filhos.

30 APESP. Livro de registro de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. 24 jun. 1896. Livro 52, p. 280. São Paulo: Museu da Imigração do Estado de São Paulo, Fundo: Hospedaria de Imigrantes. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/acervo-digital>. Acesso em: 19 maio 2025.

Em junho de 1896, quando Pietro Aimola desembarcou no país, também chegaram à Franca seu irmão Antônio Aimola com a esposa Maria Caravaggio; seus cunhados Agostino e Rocco Moretti³¹, casados com Angela Basciano e Concetta Di Carlo, respectivamente; além das famílias de Alfonso Silvieri³² e Angelo Camilo Di Carlo, seu futuro sócio. Desse grupo, Antonio Aimola e os irmãos Agostino e Rocco Moretti retornaram à Itália, sendo que o último reemigrou para os Estados Unidos anos depois.

A aproximação entre Pietro Aimola e seus compatriotas estabelecidos no meio rural francano é evidente no tocante aos percursos privilegiados e as escolhas para compor sua rede de relações. Dessa forma, evidenciaremos a seguir como as redes formadas ao emigrar proporcionaram sucessos na vida social e econômica, permanecendo vivas de uma geração a outra.

Pietro Aimola e seus conterrâneos: relações intensas no pós-imigração

Pietro Aimola era *contadino* em sua terra natal³³. Ao imigrar, residiu por alguns anos na fazenda Califórnia do Salgado, na vila francana de São José da Bela Vista, onde teve a experiência de atuar como colono³⁴. As informações obtidas sobre a trajetória de Aimola e sua família permite sustentar duas constatações.

A primeira diz respeito ao estabelecimento no Brasil como uma iniciativa marcada por um planejamento do grupo imigrante. Essa organização estava envolvida na manutenção de contatos com conterrâneos na sociedade para a qual se iria imigrar. O encontro com parentes no além-mar permite salientar que a vinda de Aimola para o Brasil foi decorrente da garantia de que possuiria uma oportunidade profissional na sociedade receptora.

Nesse sentido, constatamos também que era comum a chamada de parentes para recomporem a estrutura familiar vivenciada por esses imigrantes na Itália. Homens e mulheres, jovens e crianças, enfrentavam dias de viagem em navios insalubres alimentados pela esperança de reencontrar familiares e amigos que lhes garantiriam alguma segurança ao chegar do outro lado do Atlântico. Para esses grupos, os desgastes da passagem de um mundo ao outro eram amenizados

31 APESP. Livro de registro de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. 24 jun. 1896. Livro 53, p. 448,461. São Paulo: Museu da Imigração do Estado de São Paulo, Fundo: Hospedaria de Imigrantes. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/acervo-digital>. Acesso em: 19 maio 2025.

32 APESP. Livro de registro de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. 24 jun. 1896. Livro 53, p. 348. São Paulo: Museu da Imigração do Estado de São Paulo, Fundo: Hospedaria de Imigrantes. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/acervo-digital>. Acesso em: 19 maio 2025.

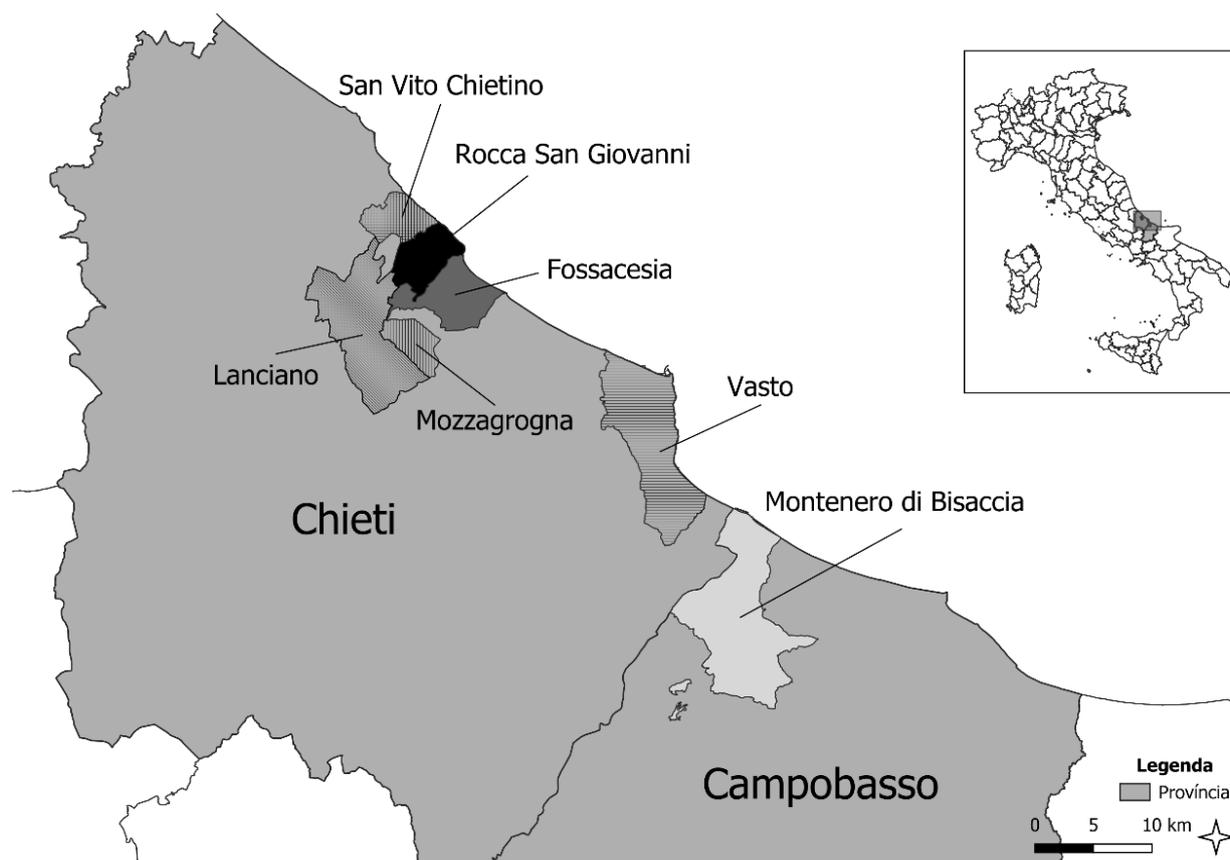
33 ITALIA. Comune di Rocca San Giovanni. *Atto di matrimonio di Pietro Aimola e Filomena Moretti*, n. 27. Registro de casamento, Rocca San Giovanni (CH), Stato civile italiano, 1883. Disponível em: https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua18215099/5Geq333. Acesso em: 19 maio 2025.

34 SÃO JOSÉ DA BELA VISTA (SP). Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de São José da Bela Vista. Registro de nascimento de Domingos. Registro em: 23 dez. 1898.

pela solidariedade entre pessoas conhecidas. Esses vínculos pretéritos constituíam um fator relevante na decisão de emigrar desses *abruzzesi*.

A tarefa dessas redes era adicionar personagens à vida comunitária desses imigrantes. Aos novos integrantes logravam estabelecer amplas conexões entre si, concretizando oportunidades para manter laços de parentesco entre as famílias colonas. Aspectos culturais tinham peso na escolha dos cônjuges e dos compadres, reiterando alianças pré-existentes.

Mapa 3 - Origem das famílias pertencentes à rede migratória de Pietro Aimola



Fonte: Elaborado pelo autor.

As uniões matrimoniais sofriam pressão para que privilegiassem a escolha de pessoas do mesmo grupo étnico, quando possível de mesma origem dos cônjuges ou de seus pais. Dos oito filhos de Pietro Aimola que subiram ao altar em Franca, entre os anos de 1911 e 1931, quatro desposaram alguém da mesma origem de sua família. Nicoleta e Carmene casaram-se com Rocco Di Carlo³⁵ e Domenico Giardini³⁶, respectivamente, que assim como suas noivas haviam nascido na

35 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de casamento nº 731, Livro 11, folha 181, 11 out. 1913. Franca: Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1913.

36 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de casamento nº 331, Livro 13, folha 166, 25 ago. 1917. Franca: Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1917.

comune de Rocca San Giovanni. Outras duas filhas também se uniram em matrimônio com homens naturais da província de Chieti: Angela Maria casou-se com Domenico Di Benedetto³⁷, nascido em Lanciano; e Antonietta com Nicola Marcantonio, natural de Mozzagrogna³⁸. Por fim, Rosalina, teve como marido João Manocchio³⁹, nascido no Brasil e cujo pai era natural de Macchiagodena, na província vizinha de Isérnia⁴⁰.

As famílias privilegiadas também organizaram suas escolhas entre conhecidos desde a terra natal ou oriundos de localidades próximas. O grafo abaixo revela que, assim como os filhos de Pietro Aimola, as proles de sua irmã Mattia e de seu concunhado Eusebio Saltarella também protagonizaram casamentos endogâmicos entre *abruzzesi*. Das famílias arroladas, eram provenientes de Rocca San Giovanni os Giardini, Di Carlo, Di Ilio, Stante, Pasquino, Finoro, Moretti; os Marcantonio eram naturais de Mozzagrogna; os Ritucci e Cinquini de Vasto; os Di Benedetto de Lanciano; e os Paolucci e Rotondo de Fossacesia. Apenas a família D’Emílio (Dermínio) era da *comune* de Montenero di Bisaccia, na província vizinha de Campobasso, pertencente a região do Molise⁴¹.

Um caso interessante que ilustra a força dessa rede migratória é o do casal Nicola Pagliaroni e Gelsomina Moretti, unidos em Franca, aos 10 de dezembro de 1898⁴². O noivo, natural de San Vito Chietino, imigrou na companhia do irmão, Alessandro, e da cunhada, Eusebia, em junho de 1895⁴³. Três anos depois, a irmã de sua cunhada desembarcou em Santos rumo ao município de Franca⁴⁴ e em menos de dois meses eles se casaram. Em um mundo onde as escolhas matrimoniais eram pautadas pela união de duas forças de trabalho o ideal era escolher os parceiros entre gente de boa família, já conhecida, que tivesse algum vínculo de amizade e solidariedade, e sobretudo, que pudesse contar para a faina do café (BASSANEZI, 2019, p. 188).

37 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de casamento nº 139, Livro 11, folha 45, 15 out. 1910. Franca: Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1910.

38 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de casamento, Livro 16, 05 mai. 1928. Franca: Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1928.

39 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de casamento nº 42, Livro 15, folha 175, 26 fev. 1927. Franca: Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1913.

40 ITALIA. Comune di Macchiagodena. *Atto di nascita di Giuseppe Manocchio*, n. 8. Registro de nascimento, Macchiagodena (IS), Stato civile italiano, 1869. Disponível em:

https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua112978/LpAMK9V. Acesso em: 20 maio 2025.

41 Banco de Dados *Italianos em Franca*.

42 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de casamento nº 95, Livro 7, folha 23, 10 dez 1898. Franca: Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1898.

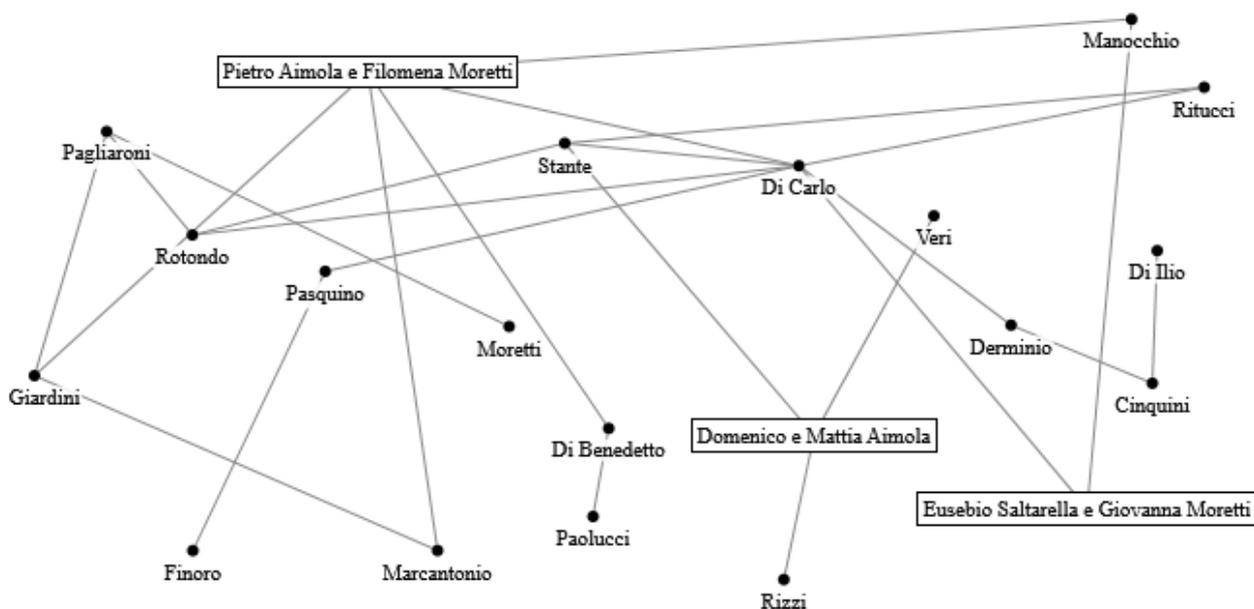
43 APESP. Livro de registro de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. 24 jun. 1896. Livro 49, p. 197. São Paulo: Museu da Imigração do Estado de São Paulo, Fundo: Hospedaria de Imigrantes. Disponível em:

<https://museudaimigracao.org.br/acervo-digital>. Acesso em: 19 maio 2025.

44 APESP. Livro de registro de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. 24 jun. 1896. Livro 63, p. 32. São Paulo: Museu da Imigração do Estado de São Paulo, Fundo: Hospedaria de Imigrantes. Disponível em:

<https://museudaimigracao.org.br/acervo-digital>. Acesso em: 19 maio 2025.

Figura 3 - Relações matrimoniais do grupo familiar de Pietro Aimola



Fonte: Elaborado pelo autor a partir das informações extraídas no Banco de Dados *Italianos em Franca*.

O compadrio tornava os laços de solidariedade ainda mais fortes, principalmente entre os imigrantes que podiam lançar mão deles como uma estratégia para sobreviver aos percalços da nova realidade. A análise das relações de compadrio da família de Pietro Aimola permite salientar a existência de uma dinâmica de recrutamento de compadres desde o final do século XIX até a década de 1940, observando as escolhas de três gerações da família.

A existência de parentes e conterrâneos residindo nas proximidades interferiu para que fossem os primeiros na fila dos compadres escolhidos pelo casal Pietro e Filomena. Dos quatro filhos batizados em Franca, três tiveram como padrinhos casais de mesma origem. O primeiro filho do casal nascido em terras brasileiras, Domingos (1898), foi batizado pelo tio paterno, Antonio Aimola, e sua esposa, Maria Caravaggio⁴⁵. O nascimento de Rosalina (1903) foi uma oportunidade para estabelecerem relações de compadrio com Antonio Di Lallo e Celeste Paolini⁴⁶, casados em Lanciano⁴⁷, *comune* vizinha à Rocca San Giovanni. Antonieta (1906) foi batizada pela tia materna, Giovanna Moretti e seu esposo Eusebio Saltarella⁴⁸. Apenas Anna (1909), a última filha, teve como

45 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia de São José (São José da Bela Vista, SP). Registro de batismo, Livro 1, 25 dez. 1898. São José da Bela Vista: Paróquia de São José, 1898.

46 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo nº 403, Livro 20, folha 115, 28 jun. 1903. Franca: Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1903.

47 ITALIA. Comune di Lanciano. *Atto di matrimonio di Antonio Di Lallo e Celeste Paolini, n. 70*. Registro de casamento, Lanciano (CH), Stato civile italiano, 1894. Disponível em: https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ud18013410. Acesso em: 20 maio 2025.

48 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo nº 210, Livro 22, folha 20, 28 abr. 1906. Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1906.

padrinhos um casal que não era da mesma origem que os pais: Gaetano De Lucca e sua esposa Imelde Rosseti⁴⁹, naturais, ele de Mongrassano, Cosenza, na Calábria, e ela de Pieve di Coriano, Mantova, na Lombardia⁵⁰.

A eleição de compadres preferenciais entre familiares e amigos revelam proximidades que fortaleciam as relações sociais. Os filhos de Pietro Aimola, casados a partir de 1911, mantiveram algumas preferências herdadas dos laços constituídos por seus pais. Angela Maria e seu esposo Domenico Di Benedetto, por exemplo, também escolheram o casal Gaetano De Lucca e Imelde Rosseti para apadrinhar Pedro, nascido em 1913⁵¹.

Seis atas de batismo registram Pietro Aimola como padrinho de crianças entre 1902 e 1923. Seus afilhados foram Thereza (1902), filha de Innocenzo Di Carlo e Maria Moretti⁵²; sua sobrinha Maria (1908), filha de Giacinto Bortolotti e sua irmã Rosina Aimola⁵³; três filhos de seu concunhado Eusebio Saltarella: Ambrosina (1905)⁵⁴, Domingos (1906)⁵⁵ e Nicolino (1908)⁵⁶; e Antônio (1923)⁵⁷, filho dos conterrâneos Domenico Rotondo e Joanina Pagliaroni. Sua esposa Filomena o acompanhou apenas duas vezes nessas celebrações, sendo madrinha apenas de Thereza e Domingos. Nas outras ocasiões foram madrinhas suas filhas Angela Maria, Nicoleta e Rosalina.

Em grande medida, o recrutamento de padrinhos decorreu das relações cotidianas que se estabeleciam nas áreas rurais ou entre os membros da família e da rede. Acerca dos batizados dos netos de Pietro Aimola realizados em Franca a partir de 1911 foram raras as eleições de padrinhos fora do grupo étnico. De cinquenta e um batizados, apenas onze (21,5%) receberam padrinhos que não pertenciam à família ou ao grupo étnico. Irmãos, cunhados, tios e sobrinhos foram os eleitos para apadrinharem trinta crianças (58,8%). Por sua vez, os conterrâneos sem parentesco foram padrinhos em nove batizados (17,6%) e eram membros das famílias D'Emilio (Dermínio), Di

49 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo nº 112, Livro 25, folha 17, 15 jan. 1910. Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1910.

50 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de casamento nº 12, Livro 7, folha 85, 31 jan. 1901. Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1901.

51 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo nº 139, Livro 31, folha 47, 27 abr. 1913, Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1913.

52 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo nº 500, Livro 20, folha 77, 15 ago. 1902, Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1902.

53 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo nº 891, Livro 23, folha 152, 03 out. 1908, Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1908.

54 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo nº 411, Livro 21, 26 fev. 1905, folha 35, Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1905.

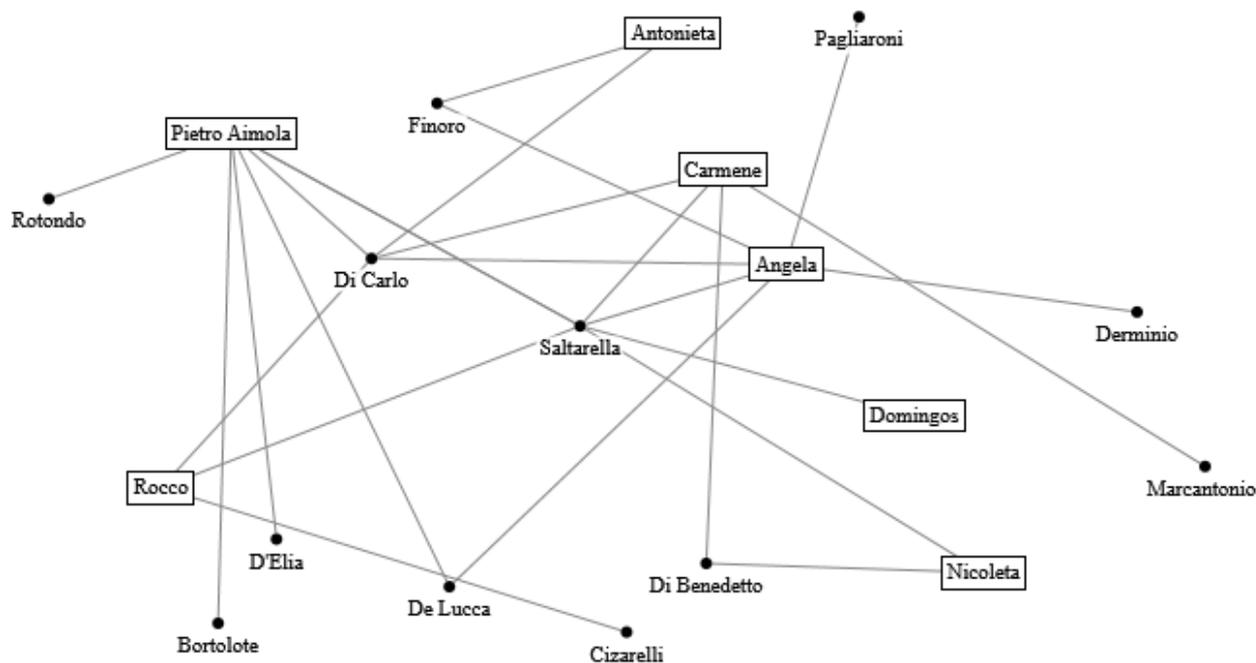
55 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo nº 211, Livro 22, folha 20, 28 abr. 1906, Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1906.

56 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo nº 568, Livro 23, folha 107, 28 jun. 1908, Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1908.

57 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo, Livro 43, 27 out. 1923, Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1923.

Benedetto, Di Carlo, Finoro, Marcantonio, Pagliaroni, Pasquino e Cizarelli⁵⁸.

Figura 4 - Relações de compadrio de Pietro Aimola e seus filhos com famílias preferenciais



Fonte: Elaborado pelo autor a partir das informações extraídas no Banco de Dados *Italianos em Franca*.

Os Saltarellas foram eleitos seis vezes para levarem crianças da família Aimola à pia batismal. Dos sete filhos de Pietro Aimola que tiveram filhos nessa localidade, seis escolheram fortalecer relações com o tio Eusebio Saltarella e os primos Francisco, Angela Maria, André e Ambrosina. Essas práticas de compadrio ligavam várias gerações da família, pois Antonietta Aimola, a nona filha de Pietro Aimola, elegeu para apadrinhar sua filha Lucia Helena, em 1945, os jovens André e Zilda Vanini⁵⁹, netos de Eusebio Saltarella e filhos de sua prima Angela Maria Saltarella.

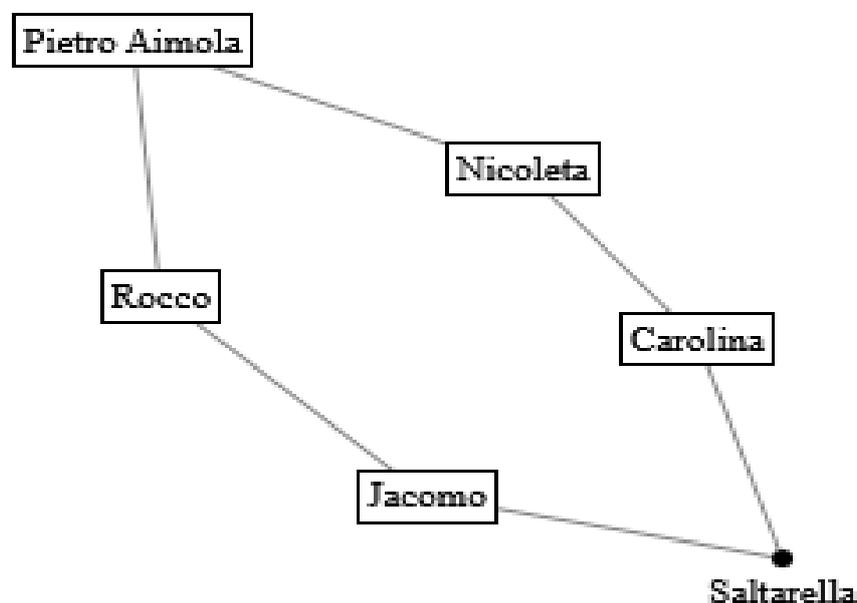
O compadrio incorporava membros de várias gerações da família, reforçando laços de parentesco intergeracionais. A intenção não é apresentar todas as descobertas sobre os vínculos estabelecidos por essas famílias, mas demonstrar que o passar das décadas não dissolveu as relações entre os novos membros desses clãs. Até o ano de 1945, alguns netos de Pietro Aimola já estavam casados e continuavam a eleger membros da família Saltarella para batizar seus filhos: Jácomo, filho de Rocco Aimola, estabeleceu relação de compadrio com André Saltarella⁶⁰; e Carolina Di Carlo, filha de Nicoleta Aimola, tornou-se comadre de Francisco Saltarella e sua esposa Philomena

58 Banco de dados *Italianos em Franca*.

59 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo, Livro 61, 25 dez. 1945, Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1945.

Manocchio⁶¹.

Figura 5 - Relações de compadrio dos netos de Pietro Aimola com uma família preferencial



Fonte: Elaborado pelo autor a partir das informações extraídas no Banco de Dados *Italianos em Franca*.

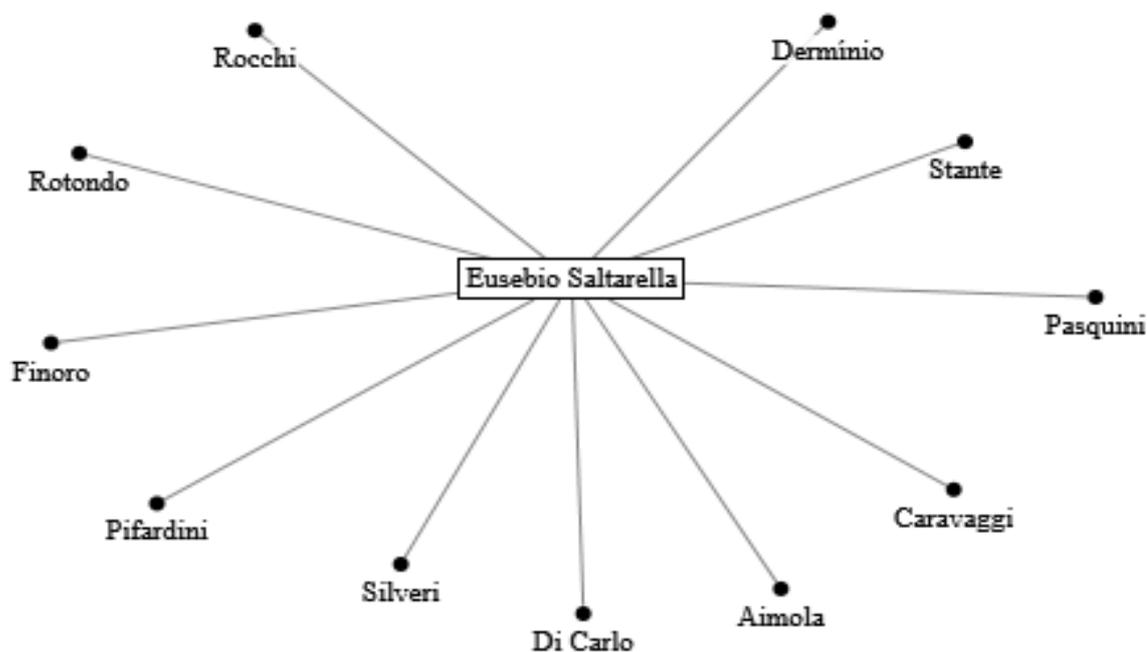
Deve-se salientar que Eusebio Saltarella, além de concunhado de Pietro Aimola, foi negociante de secos e molhados e proprietário de uma fábrica de macarrão em Franca. Sua atuação no núcleo urbano é destacada por ocasião de seu falecimento em 24 de julho de 1932 no *Jornal Comércio da Franca*, que o definiu como distinto membro da colônia italiana em Franca⁶². Ao longo dos anos, a atuação social de Eusebio Saltarella foi marcada por muitas idas à pia batismal. De 1905 a 1922, quinze crianças da comunidade italiana foram apadrinhadas por ele, sendo todas pertencentes às famílias oriundas da região dos Abruzos. A atuação no comércio, o pioneirismo ao imigrar e a construção de laços sociais com integrantes de sua rede migratória por meio do compadrio foram aspectos centrais da estabilidade conquistada por Saltarella que serviram também para estabilizar os contatos com a família de Aimola.

60 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia São José (São José da Bela Vista, SP). Registro de batismo, Livro 58, 9 jan. 1944, São José da Bela Vista, Paróquia São José, 1944.

61 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo, Livro 54, 10 jan 1937, Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1937.

62 AHMCHAP. Acervo de jornais. Obituário de Eusebio Sardarelli. *Jornal Comércio da Franca*, Franca, 24 jul 1932.

Figura 6 - Relações de compadrio de Eusebio Saltarella com famílias *abruzzesi*



Fonte: Elaborado pelo autor a partir das informações extraídas no Banco de Dados *Italianos em Franca*.

No universo da eleição dos padrinhos, assim como dos cônjuges, havia pessoas com maior prestígio e reconhecimento no grupo que eram escolhidos com mais frequência. Nesses casos, os deslocamentos entre fazendas ou para o núcleo urbano não enfraqueceram essas relações sociais. Pelo contrário, ampliavam esses relacionamentos ao adicionar novos elementos ao grupo de compadres. Pietro Aimola, assim como seu concunhado Saltarella, deram seus filhos a batizar, mas igualmente foram padrinhos de algumas crianças. Entre os dois, inclusive, assistiu-se a uma “troca de afilhados” que revela um fortalecimento dos laços de admiração, respeito e confiança entre eles. Portanto, a relação existente desde a Itália foi mantida e ganhou novos elos no Brasil.

A garantia do sucesso individual e coletivo do grupo imigrante em relação à experiência migratória e o processo de acomodação no além-mar estava ligada ao desempenho ativo das redes. Tanto antes da partida quanto posteriormente nos locais de instalação, elas atuavam na viabilização de projetos a partir do reforço das relações sociais e dos campos de atuação.

De família colona à proprietária

A historiografia mostra que o número de membros aptos ao trabalho no cafezal proporcionava melhores condições para o enfrentamento do sistema de colonato e a reunião de pecúlio para a aquisição de propriedades entre as camadas imigrantes. A conquista de suas próprias terras era ambicionada por aqueles que deixaram sua terra natal ludibriados pela propaganda de que

a América seria um eldorado (TRENTO, 2022, p. 31; FAUSTO, 1999), embora muitos tenham sofrido uma grande decepção ao aportarem aqui (GAMBINI, 2006; FRANZINA, 1994).

Estabelecidos como grupo no além-mar, esses imigrantes viabilizavam condições de sucesso no enfrentamento do cotidiano de trabalho e no aproveitamento de outras vantagens que o universo do colonato poderia oferecer. As famílias de colonos recebiam moradia gratuita e podiam usufruir de pastagens para criar animais e manter uma pequena horta próximo à sua casa. Na fazenda, todos os membros da família cuidavam do cafezal e quanto maior o número de pessoas envolvidas no trabalho melhores seriam as condições para a acumulação de um pecúlio monetário. Entre as famílias provenientes de Rocca San Giovanni estabelecidas pioneiramente em Franca, aquelas com maior número de pessoas tiveram um futuro mais promissor e foram as primeiras a adquirir suas próprias terras de cultivo.

As informações extraídas dos registros civis dessas famílias corroboram o argumento de que a imigração atingiu as camadas camponesas jovens, contudo Pietro Aimola e Camilo Di Carlo possuíam vantagens por chefiarem famílias numerosas: Pietro trouxe seis filhos, enquanto Camilo chefiava um grupo de nove pessoas. Tratava-se de uma parentela com muitos indivíduos aptos ao serviço, o que garantia mão-de-obra para os vários afazeres no trato do cafezal.

Na época, o malogro do objetivo de atingir a condição de proprietário exigiu a deflagração de estratégias como a sociedade com um compatriota e o apoio da força de trabalho de uma família com muitos membros. Em alguns anos, Pietro Aimola já figurava como proprietário agrícola no município.

Não sabemos se esses italianos eram pequenos proprietários e arrendatários na *comune* de origem, ou ainda se venderam algum bem para investir na viagem e adquirir novas terras na América. Percebe-se uma certa autonomia nas iniciativas tomadas por parte desses imigrantes ao abandonarem a terra natal e se projetarem para uma multiplicidade de oportunidades em terras distantes. Para Aimola, a transferência para Franca foi planejada e articulada antes da viagem, garantindo sucesso no deslocamento ao se comunicar com familiares para obter informações seguras sobre o destino por meio de um trânsito de correspondências que conectava indivíduos que já haviam partido com aqueles que desejavam partir.

Em 02 de maio de 1907, os imigrantes Pietro Aimola e Camilo Di Carlo adquiriram terras na fazenda Olhos d'água do fazendeiro Dr. João de Faria⁶³. Comparado com Ribeirão Preto, em Franca não havia grandes propriedades cafeeiras, sendo o referido Faria considerado o maior produtor no ano de 1901, com apenas 185.000 pés, quantidade incomparável aos milhões de pés de

63 AHMCHAP. Poder Judiciário. Cartório do Primeiro Ofício. Divisão amigável da Fazenda Olhos d'Água. Franca, Caixa 368, 1914.

alguns cafeicultores de Ribeirão Preto, como o coronel Francisco Schmidt, a Companhia Dumont e Martinho Prado Junior (TEODORO, 2006). A crise de superprodução instaurada no final do século fez muitos proprietários se desfazerem de porções de terras para saldar dívidas (TOSI *et al*, 2007, p. 414), é o que pode ter acontecido com Faria e que privilegiou a ascensão dos amigos Aimola e Di Carlo à propriedade agrícola.

Passados sete anos, a fim de garantir independência aos negócios, Aimola e Di Carlo lavraram escritura de divisão amigável das terras de campo e cultura adquiridas em sociedade. Nessa ocasião, podemos destacar três avanços importantes das situações vividas pelos sócios: a propriedade tinha ganhado benfeitorias como a construção de casa coberta de telhas, monjolo, curral, paiol e quatro casas para colonos; tanto a família de Pietro quanto de Camilo tinha membros adultos suficientes para tocar as terras separadamente; e, por fim, há meses, Rocco, filho de Camilo, havia contraído núpcias com Nicoleta, filha de Pietro.

A quantidade de bens acumulados e as benfeitorias realizadas na propriedade sugerem a existência de um desempenho voltado ao melhoramento da condição econômica do grupo familiar diretamente relacionado à constituição de relações sociais com gente de confiança, que tornar-se-iam membros da família. Por exemplo, Giovanni D'Emílio, empreiteiro contratado para a formação do cafezal novo nas terras a partir de então pertencente a Aimola, tornar-se-ia sogro de duas filhas de Camilo Di Carlo, casadas em setembro do ano seguinte⁶⁴. D'Emílio era natural de Montenero di Bisaccia, *comune* próximo à terra natal de Aimola e já era compadre de um cunhado de Pietro Aimola desde 1904, quando deu sua filha Adelina para ser batizada por Agostino Moretti e sua esposa Angela Basciano⁶⁵.

A expansão dos negócios estava associada às relações sociais protagonizadas pelo grupo durante toda a trajetória de Aimola em Franca. O mundo do trabalho estava envolvido em laços constituídos pela imigração, na pia batismal e por meio de alianças matrimoniais. O universo desses italianos estava circunscrito ao mundo da fazenda e mesmo quando tinham acesso à vida na cidade, tornavam-se um elo do mundo urbano com os indivíduos nas fazendas. É inegável que Pietro Aimola tornou-se uma liderança entre os *abruzzesi* em terras francanas, atuando como interlocutor do grupo e mediando contatos com a *comune* de origem.

Uma experiência concreta corrobora a representatividade de Aimola no interior dessa rede de relações. No ano de 1921, ele retornou à Rocca San Giovanni, onde foi responsável pela reemigração de Costantino Marroco, que voltou para Franca em sua companhia, conforme

64 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de casamento n. 301-302, Livro 12, folha 151, 09 out. 1915, Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1915.

65 Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Franca, SP). Registro de batismo s.n., Livro 20, folha 179, 10 jul. 1904, Franca, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, 1904.

certificado encontrado no acervo do Museu da Imigração de São Paulo, datado de 11 de março de 1921. No registro, assinado pelo *sindaco* da *comune*, certifica:

Che Marroco Costantino, fu Giovanni, il quale é muito di regolare passaporto in data 26 febraio 1921, per recarsi a Franca, (...) é pienarmente idoneo alla sua professione di contadino agricoltore.

*Attesto oltreri che il medesimo riaggia a proprie spere in compagna del suo compaesano Aimola Pietro, il quale tieno nella subdetta città di Franca, or é proprietario di una vasta agienda agricola.*⁶⁶

Que Marroco Costantino, filho do falecido Giovanni, obteve passaporte regular datado de 26 de fevereiro de 1921, para viajar para Franca, (...) está plenamente apto à profissão de agricultor.

Certifico também que o mesmo homem retorna às suas esperanças na companhia de seu conterrâneo Aimola Pietro, que mora na citada cidade de Franca e hoje é dono de um grande negócio agrícola. (tradução do autor)

Ainda em 1921, Pietro agenciou recursos e promoveu a vinda de uma família de sua terra natal para trabalhar em sua fazenda por meio de uma chamada de imigrantes institucionalizada pelo governo do estado. Um requerimento destinado à Secretária da Agricultura, Commercio e Obras Públicas (SACOP) compõe o acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo e traz um atestado em nome de Pietro Aimola. Trata-se do pedido de restituição das despesas com a viagem do porto de Nápoles ao de Santos da família de Giovanni Salicco. No documento lê-se:

Fazenda Olhos d'água, Estação de Franca, 29 de setembro de 1921

Attesto que o Sr Salicco Giovanni com sua família composta de sua mulher Gentilezza Giuseppa, seus filhos Stante Donato, Stante Guerino, Stante Vito e Stante Natalina está localizado na minha fazenda.

Franca, 29 de setembro de 1921

A rogo de Pietro Aymola, por não saber ler – Joaquim Antonio de Lima⁶⁷

Em outro trecho, consta que “vieram pelo vapor ‘Francesca’, entraram na Hospedaria deste Departamento, em 6 de Junho ultimo e seguiram para a fazenda do Sr. Pedro Aimola, na estação de Franca, contratados pela procura n. 3.272”, onde encontravam-se “ocupados em tratamento de café e cereais”⁶⁸.

A atuação de Aimola na sociedade francana ganha ainda destaque por ser um dos poucos italianos a confeccionar um testamento nessa localidade. Documentos deste tipo são encontrados no Arquivo Histórico Municipal de Franca e datam desde o início do século XIX, contudo a presença de italianos nessa documentação é escassa, sendo os testamentos de Pietro Aimola e seu antigo

66 APESP. Acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Certificado de retorno de imigrante já estabelecido. Interessado: Costantino Marroco. Rocca San Giovanni, 1921.

67 APESP. Requerimentos SACOP (Secretária da Agricultura, Commercio e Obras Públicas). Interessado João Salicco. Franca, Processo 1.151, 1921.

68 *Ibidem*.

sócio Camilo Di Carlo de grande valor para compreender como esses “imigrantes de boa estrela” (DI GIANNI, 1997) desejavam dividir os bens adquiridos durante sua atuação na sociedade francana.

Pietro, assim como Camilo (GONÇALVES, 2021), desejaram que a metade de seus bens fossem divididos igualmente por seus dois filhos homens, Rocco e Domenico⁶⁹, sem prejuízo de suas legítimas, procedendo assim “porque estes filhos muito o ajudaram para adquirir os bens que possuiu”⁷⁰. Apesar de amparar os filhos, a maior preocupação de Pietro foi com o futuro de sua esposa após sua morte, por isso a principal cláusula de seu testamento foi a inalienabilidade de seus bens enquanto Filomena Moretti estivesse viva. O italiano declarou também que todos os seus bens foram adquiridos na constância de seu matrimônio com Filomena Moretti, que contribuiu eficazmente com seu trabalho, boa direção no serviço e economia. Ao falecer, em 28 de fevereiro de 1930, vitimado por insuficiência cárdio renal e edema pulmonar⁷¹, seu inventário arrolava além da propriedade agrícola, imóveis no centro da cidade e automóveis que só puderam ser divididos após o falecimento de Filomena, em 09 de setembro de 1949⁷².

São documentos como esse que dão ao historiador da micro-história as ferramentas para colorir o objeto que se estuda e observar mais de perto as trajetórias de personagens do passado que se acomodaram em uma posição privilegiada seja por suas opções individuais ou coletivas. A atuação na economia cafeeira e a construção de laços sociais nos dois lados do Atlântico foram aspectos que perpetuaram a trajetória de Pietro Aimola após sua imigração.

Considerações finais

A intenção deste artigo consistiu em reconhecer as estratégias de inserção social do imigrante italiano Pietro Aimola no município paulista de Franca, na virada do século XIX ao XX. Demonstrou-se que tais estratégias estavam vinculadas a formação de uma rede migratória que ligava pessoas na comunidade de origem e destino e que se manteve resistente ao passar das décadas, ganhando novos membros, relações e deflagrando estratégias para a realização do sonho de tornar-se fazendeiro e agenciar novas imigrações para o trabalho no além-mar, dessa vez, em sua propriedade particular.

A figura de Pietro Aimola ilustra a autonomia desses imigrantes na tomada de iniciativa para abandonar a terra natal e se projetarem para uma multiplicidade de oportunidades no Brasil. Para

69 É interessante notar que os filhos de Camillo também chamavam Rocco e Domenico.

70 AHMCHAP. Poder Judiciário. Cartório do Primeiro Ofício. Testamento de Pietro Aimola. Franca, Caixa 237, 1920; AHMCHAP. Poder Judiciário. Cartório do Primeiro Ofício. Testamento de Camilo Di Carlo. Franca, Caixa 469, 1925.

71 FRANCA (SP). Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais do 1º Subdistrito de Franca. Registro de óbito de Pedro Aimola. Registro em: 28 fev. 1930.

72 AHMCHAP. Poder Judiciário. Cartório do Primeiro Ofício. Inventário de Filomena Moretti. Franca, Caixa 83, 1949.

ele, o deslocamento para Franca foi uma atitude planejada e articulada antes da viagem, o que lhe garantiu, assim como aos seus parentes e amigos, sucesso no deslocamento ao se comunicarem com pessoas que fizeram o mesmo percurso anteriormente e lhes enviavam informações seguras sobre o destino. Esse trânsito de correspondências conectava indivíduos que já haviam partido e aqueles que desejavam partir num fenômeno denominado rede migratória.

Entre os resultados apontados nesta investigação destacam-se os arranjos sociais privilegiados para fixação desse grupo nas terras francanas que envolveram escolhas matrimoniais e de compadrio que ultrapassaram gerações. Desse modo, foi relevante a Pietro Aimola, no primeiro momento de sua atuação em Franca, condicionar seus relacionamentos com gente conhecida desde a Itália, ou que tivesse vindo de localidades próximas a sua terra natal. Essas relações envolveram desde parentes até famílias originárias das *comuni* vizinhas à Rocca San Giovanni, fortalecendo-se com o passar do tempo e das gerações.

É possível que esse comportamento tenha sido frequente entre imigrantes que adentraram ao mercado de proprietários no interior paulista. Tal posição era de um colono dedicado à constituição de vínculos, por meio do compadrio, do casamento de seus filhos e da formação de sociedade, com personagens do grupo de origem, que permitiu a Aimola tornar-se fazendeiro ao cabo de algumas décadas em Franca.

Fontes documentais

AHMCHAP. Acervo de jornais. *Jornal Comércio da Franca*, Franca, 1932.

AHMCHAP. Poder Judiciário. Cartório do Primeiro Ofício. Divisão amigável da Fazenda Olhos d'Água. Franca, Caixa 368, 1914.

AHMCHAP. Poder Judiciário. Cartório do Primeiro Ofício. Inventário de Filomena Moretti. Franca, Caixa 83, 1949.

AHMCHAP. Poder Judiciário. Cartório do Primeiro Ofício. Testamento de Pietro Aimola. Franca, Caixa 237, 1920.

AHMCHAP. Poder Judiciário. Cartório do Primeiro Ofício. Testamento de Camilo Di Carlo. Franca, Caixa 469, 1925.

AHMCHAP. Poder Judiciário. Primeira Vara Criminal. Inquérito policial n. 3045. Franca, caixa 166, maço 46, 1918.

GONÇALVES, José Victor Maritan. Imigrantes italianos e redes sociais no interior paulista: a trajetória de Pietro Aimola no município de Franca (São Paulo, 1896-1930)

APESP. Acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Certificado de retorno de imigrante já estabelecido. Interessado: Costantino Marroco. Rocca San Giovanni, 1921. Disponível em: https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/upload/cartas/MI_CC_A0000885X.pdf. Acesso em: 21 jan 2025.

APESP. Acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Listas de bordo, 1888-1922.

APESP. Acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Livro de registros de matrículas da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo. Livros nº 1-92, 1882-1920.

APESP. Acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Requerimentos SACOP (Secretária da Agricultura, Comercio e Obras Públicas). Interessado João Salicco. Franca, Processo 1.151, 1921. Disponível em:

https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/requerimentos.php?pesq=1&interessado=Jo%C3%83%C2%A3o+Salicco&localidade=&origem=&Ano_Ini=&Ano_Fim=&assunto=&Reset2=Pesquisar. Acesso em: 17 dez 2024.

APESP. Acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Certificado de retorno de imigrante já estabelecido. Interessado: Costantino Marroco. Rocca San Giovanni, 1921. Disponível em: https://www.museudaimigracao.org.br/uploads/portal/acervo/cartas/MI_CC_A0000885X.pdf. Acesso em: 17 dez 2024.

Archivio di Stato di Chieti. Registri dello stato civile di Rocca San Giovanni (Chieti), 1809-1899. Disponível em: <https://antenati.cultura.gov.it/search-registry/?lang=pt-pt&localita=rocca%20san%20giovanni>. Acesso em: 20 mai 2025.

Archivio di Stato di Chieti. Registri dello stato civile di Lanciano (Chieti), 1809-1899. Disponível em: <https://antenati.cultura.gov.it/search-registry/?localita=Lanciano>. Acesso em: 20 mai 2025.

Archivio di Stato di Isérnia. Registri dello stato civile di Macchiagodena (Isérnia), 1809-1899. Disponível em: <https://antenati.cultura.gov.it/search-registry/?localita=Macchiagodena>. Acesso em: 20 mai 2025.

Arquivo da Cúria Diocesana de Franca. Livros de batismos, casamentos e óbitos, 1882-1945.

FRANCA (SP). Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais do 1º Subdistrito de Franca. Registros de óbitos.

SÃO JOSÉ DA BELA VISTA (SP). Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de São José da Bela Vista. Registros de nascimentos.

Referências

- ADACHER, David. *Emigromania. La prima fase (dall'Unità al 1900)*. Istituto Abruzzese per la Storia della Resistenza e dell'Italia Contemporanea, 2012.
- ALVIM, Zuleika. *Brava gente! Os italianos em São Paulo. 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. *Colonos do café*. São Paulo: Contexto, 2019.
- BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo et al. *Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- DI GIANNI, Tércio Pereira. *Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior*. Franca: UNESP-FDHSS, 1997.
- FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- FRANZINA, Emilio. *A grande imigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- FRANZINA, Emilio. *Merica! Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in América Latina – 1876-1902*. Verona: Cierre Edizioni, 1994.
- GAMBINI, Roberto. Corações partidos no porto de Gênova. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 271-290, 2006.
- GINZBURG, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo (Orgs.). *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Brentand Brasil, 1989, p. 169–178.
- GONÇALVES, José Victor Maritan. *Dos dois lados do Atlântico: redes migratórias de italianos em Franca*. São Paulo: Editora Dialética, 2024.
- GONÇALVES, José Victor Maritan. Imigração e redes: apontamentos sobre a dinâmica de implantação de famílias italianas em um município paulista (Franca/SP, 1895-1925). In: KARSBURG, Alexandre; Vendrame, Máira Ines; Carneiro, Deivy (Org.). *Práticas de micro-história: diversidade de temas e objetos de um método historiográfico*. São Leopoldo: Oikos, 2021, p. 155–171.
- HOBBSBAWM, Eric. *Bandidos*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- MASSEY, Douglas S. Economic Development and International Migration in Comparative Perspective. *Population and Development Review*, v. 14, n. 3, p. 383–413, 1988.
- MENDES, Fabio Faria. Família, História e Redes Sociais. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues; VAN LEEUWEN, Marco (Orgs.). *História Social: perspectivas metodológicas*. Belo Horizonte:

Veredas & Cenários, 2012, p. 39–79.

TEODORO, Rodrigo da Silva. *O crédito no mundo dos senhores do café: Franca 1885-1914*. 2006. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – IE/UNICAMP, Campinas, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=490491>. Acesso em: 19 jan. 2025.

TOSI, Pedro Geraldo *et al.* Crédito e Pequena Cafeicultura no Oeste Paulista: FRANCA/SP 1890-1914. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 61, n. 3, p. 405–426, 2007.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

TRUZZI, Oswaldo. *Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)*. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Redes em processos migratórios. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, São Paulo, v. 20, n. 1, 2008.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra; VOLANTE, João Pedro. Percursos migratórios intergeracionais e dinâmicas de implantação de imigrantes estrangeiros no oeste paulista (1880-1950). In: TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (Org.). *Migrações internacionais no interior paulista: contextos, trajetórias e associativismo*. São Carlos: EdUFSCar, 2021, p. 13–44.

VANGELISTA, Chiara. *Os braços da lavoura*. São Paulo: Hucitec, 1991.

VENDRAME, Máira Ines. Mobilidade, redes e experiências migratórias. In: KARSBURG, Alexandre *et al* (Orgs.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 200–223.

VENDRAME, Máira Ines; KARSBURG, Alexandre. *Micro-história: um método em transformação*. São Paulo: Letra e Voz, 2020.